

W. VON HUMBOLDT E A CENTRALIDADE DOS CONCEITOS DE “CRIATIVIDADE” E “FORMA” PARA A CIÊNCIA LINGUÍSTICA DO SÉCULO XX

Martin Becker*

 <https://orcid.org/0000-0002-6750-2633>

Marco Antonio Rocha Martins**

 <https://orcid.org/0000-0002-3999-3893>

Como citar este artigo: BECKER, M.; MARTINS, M. A. R. W. von Humboldt e a centralidade dos conceitos de “criatividade” e “forma” para a ciência linguística do século XX. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETL2012899

Submissão: outubro de 2019. **Aceite:** dezembro de 2019.

Resumo: Querendo evitar cair na armadilha de uma retroprojeção do pensamento de Noam Chomsky, na linguística do século XX, para as ideias de Wilhelm von Humboldt, neste artigo, partimos de uma análise detalhada do pensamento do filósofo prussiano e pomos em relevo, em particular, as suas reflexões em torno das noções de “criatividade” e de “forma”, que conseguiram chamar a atenção de Chomsky já numa fase precoce. Especialmente, salientamos que os dois pensadores concordam na sua rejeição de teorias (dominantes na história do pensamento linguístico) que concebem a linguagem principalmente como sistema comunicativo ou um inventário de unidades lexicais que representam os nossos conceitos ou mundo externo.

Palavras-chave: Humboldt. Chomsky. Criatividade linguística. Forma. Merge.

* Universidade de Colônia, Colônia, Alemanha. *E-mail:* martin.becker1@uni-koeln.de

** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Florianópolis, SC, Brasil. *E-mail:* marcomartins.ufsc@gmail.com

INTRODUÇÃO

■ **W**ilhelm von Humboldt, grande estudioso e estadista prussiano, nasceu em 1767 em Potsdam e morreu em 1835 em Tegel, Berlim. Foi irmão do cientista natural e geólogo Alexander von Humboldt. Wilhelm foi o grande impulsor e responsável político pela reforma liberal da educação na Prússia, que culminou com a fundação da Universidade Humboldt/Berlim. Estudou diferentes línguas naturais: grego, latim, francês, inglês, espanhol, basco, húngaro, checo e lituano, estendendo seus estudos científicos às línguas indígenas da América, copta, egípcia antiga, chinesa, japonesa e sânscrita. É fundamental ressaltar que o impulso da pesquisa linguística de Wilhelm von Humboldt reside primordialmente na sua filosofia antropológica, já que para ele a linguagem está no âmago do ser humano e é a chave para entender a sua atividade intelectual.

Neste artigo, trataremos o pensamento humboldtiano sob um ângulo bem definido, colocando o foco sobre as noções de criatividade e de forma da linguagem. Por conseguinte, vamos negligenciar – pelo menos – três aspectos fundamentais da teoria linguística de Humboldt, que, porém, queremos mencionar brevemente nesta introdução, para não transmitir uma imagem distorcidamente parcial ou unilateral do importante pensamento de Humboldt na linguística do século XIX.

Em primeiro lugar, destacamos a estreita relação que Humboldt estabelece entre “língua” e “nação” e, em particular, a ideia central segundo a qual cada língua representa uma determinada “visão” ou, em termos mais condizentes com o pensamento do autor, uma determinada “perspectiva de mundo” elaborada por uma comunidade linguística que se serve de uma língua. No entanto, esse “perspectivismo” decorre do desenrolar e da contínua formação de uma determinada língua em uma nação, devido a uma atividade criativa inesgotável por parte dos falantes.

O segundo aspecto fundamental consiste *na alteridade e no caráter dialógico* da linguagem. A linguagem pressupõe “um outro”, um destinatário, que pode coincidir com o próprio falante ou corresponder a uma outra pessoa. Esse fato fundamental da linguagem se manifesta, por exemplo, no sistema pronominal que existe em todas as línguas naturais particulares/individuais. Humboldt (1830), em seu artigo sobre “O dual”, do original *Über den Dualis*, caracteriza essa particularidade como um dualismo imutável que é inerente à essência da linguagem. Esse dualismo se desenrola na dinâmica do falar que se repercute no jogo entre o ato de dirigir a palavra a outrem e o de retornar a palavra. Esse aspecto social e comunicativo não significa, para Humboldt, que a linguagem seja essencial e primordialmente um meio de comunicação, como mostraremos com mais vagar no que segue.

Terceiro, tampouco vamos nos debruçar sobre os diferentes procedimentos e mecanismos criativos das línguas que podem variar entre a técnica de aglutinação e a flexão formal, como o *ablaut*, a apofonia, como mecanismo mais avançado conforme a concepção de Humboldt. Especialmente, não vamos discutir e criticar as tentativas problemáticas da primeira metade do século XIX (que percebemos também na produção dos irmãos Friedrich e Wilhelm August Schlegel) e que estão voltadas a hierarquizar as línguas conforme técnicas e

mecanismos supostamente mais ou menos sofisticados (opondo, por exemplo, o chinês e as línguas indo-europeias clássicas). Numa perspectiva moderna, essas derivas preconceituosas marcam certas limitações do pensamento lingüístico do século XIX.

Pois bem, uma definição de linguagem para Humboldt tem por base, portanto, o conceito de criatividade humana, de modo que essa não seria possível sem a linguagem, no nível universalista e no nível do individual, ou seja, do falar ou do uso particular que o indivíduo faz da linguagem. Buscaremos argumentar neste artigo que essas duas grandes e importantes propriedades que definem a linguagem humana numa perspectiva humboldtiana, o caráter universal da língua e a criatividade, fundamentam ideias centrais da abordagem de Noam Chomsky na lingüística do século XX. Chomsky (2002 [1966]), em seu tratado *Cartesian linguistics*, faz referência explícita ao pensamento de Humboldt e defende que uma das mais importantes características da língua humana é a sua “abertura ao infinito”, ou seja, a capacidade criativa da linguagem que possibilita ao homem produzir e compreender um número infinito de expressões a partir de um número finito de elementos.

Uma boa definição de criatividade lingüística enraizada no pensamento cartesiano pode ser encontrada em publicação recente de Chomsky em sua obra *What kind of creatures are we?* e identificada no excerto que segue:

Esse poder infinito reside evidentemente num cérebro finito. O conceito de sistemas finitos com poder infinito foi bem compreendido em meados do século XX. Isso tornou possível fornecer uma formulação clara do que eu acho que devemos reconhecer como sendo a propriedade mais básica da linguagem, a que me referirei apenas como a Propriedade Básica: cada língua fornece uma gama ilimitada de expressões hierarquicamente estruturadas que recebem interpretações em duas interfaces, sensório-motor para externalização e conceptual-intencional para processos mentais (CHOMSKY, 2016, p. 3-4, tradução nossa)¹.

Considerando esse “poder infinito” centrado na noção de criatividade lingüística, evidenciamos neste artigo as ideias centrais sobre a essência da linguagem que Humboldt e Chomsky têm em comum, como o aspecto criativo e fator definidor do conhecimento lingüístico humano, mas também os distanciamentos e as especificidades que separam esses dois grandes pensadores, cada qual representativo do pensamento dos séculos XIX e XX de que foram contemporâneos.

Nossa argumentação perpassará fundamentalmente três aspectos que conectam e ao mesmo tempo separam os pressupostos do pensamento de Humboldt e Chomsky: a linguagem entendida como parte constitutiva do pensamento e marca distintiva do ser humano, do *Homo sapiens*, cuja emergência está inseparavelmente ligada a ela. Além disso, a centralidade dos princípios de síntese e de concatenação de elementos na e pela linguagem, assim como a estreita relação entre linguagem e pensamento em detrimento da ideia de uma função primária comunicativa da linguagem.

¹ No original: “That infinite power evidently resides in a finite brain. The concept of finite systems with infinite power was well understood in the middle of the 20th century. This made it possible to provide a clear formulation of what I think we should recognize to be the most basic property of language, which I will only refer to as the Basic Property: each language provides an unbounded array of hierarchically structured expressions that receive interpretations at two interfaces, sensory-motor for externalization and conceptual-intentional for mental processes”.

1.

Para delimitarmos um pouco mais o ponto a ser explorado neste artigo, ou seja, a noção de criatividade linguística no pensamento de Humboldt e seus desdobramentos na ciência linguística, apontamos para uma primeira distinção fundamental feita pelo pensador prussiano e legada à linguística moderna do século XX, nomeadamente a separação dos níveis linguísticos. Humboldt introduz a diferenciação entre: 1. o nível da linguagem, da faculdade da linguagem; 2. o nível da língua, do sistema de uma língua individual; e 3. o nível do falar ou dos usos da língua nos atos de fala. Mais tarde, seria Ferdinand de Saussure que, em seu *Cours de Linguistique Générale* (publicado *post mortem* em 1916), retomaria a distinção entre esses três níveis. Humboldt assim escreve na sua síntese linguística, a obra *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade*:

Portanto, não será brincar com palavras se afirmarmos que a linguagem nasce de si mesma, governa sua atividade por si mesma e goza da liberdade divina, mas que as línguas estão ligadas às nações às quais pertencem e dependem delas, pois isso lhes impõe certos limites (HUMBOLDT, 1836, p. 45, tradução nossa)².

Especificamente em relação à diferença entre língua e fala, Humboldt escreve que “é necessário distinguir entre o que é dito em cada caso e a linguagem, entendida como a massa do que é produzido pela fala” (HUMBOLDT, 1836, p. 101, tradução nossa)³. A filosofia da linguagem de Wilhelm von Humboldt parte de uma concepção fundamentalmente antropológica e baseia-se na ideia de que o ser humano e a sua abstração – a humanidade, por um lado, e a linguagem, por outro –, estão inseparavelmente ligadas. A linguagem é o que constitui o ser humano, tornando-se, portanto, o seu traço constitutivo. Daí segue-se que não faz sentido postular “uma origem” da linguagem, já que, onde há ser humano, sempre há língua. Entendemos que a reflexão linguística de Humboldt e, em particular, a sua teoria da linguagem está no cerne de uma antropologia abrangente. Mas entendemos que essa concepção antropológica de Humboldt não está, de fato, muito longe do interesse antropológico-evolucionista do último Chomsky que, com antropólogos evolucionistas tais como Tecumseh Fitch e Marc Hauser, apontam para a linguagem enquanto peça-chave fundamental de um cenário evolucionista que está no cerne de uma concepção do *Homo sapiens*. Claro está que os pressupostos filosóficos entre o pensamento de Humboldt e o de Chomsky – devido ao pano de fundo teórico em particular do pensamento chomskyano – são diferentes. O idealismo kantiano de Humboldt se opõe ao naturalismo evolucionista de Chomsky e os seus colegas antropólogos contemporâneos. Esse cenário evolucionista das diferentes disciplinas é resumido no seguinte excerto tirado do famoso artigo publicado em 2002 por Hauser, Chomsky e Fitch (2002, p. 1570, tradução nossa):

2 No original: “*Así que no sera jugar con las palabras si afirmamos que el lenguaje nace de sí mismo, gobierna por sí mismo su actividad y goza de una libertad divina, pero que las lenguas están atadas a las naciones a las que pertenecen, y dependen de ellas. Pues esto les impone limites determinados*”.

3 No original: “*Hay que distinguir entre lo que se dice en cada caso y la lengua, entendida esta como la masa de lo producido por el hablar*”.

Pesquisadores têm adotado posições extremas ou intermediárias em relação a essas questões basicamente independentes, levando a uma grande variedade de pontos de vista divergentes sobre a evolução da linguagem na literatura atual. Há, no entanto, um consenso emergente de que, embora humanos e animais compartilhem uma diversidade de importantes recursos computacionais e perceptuais, tem havido uma substancial remodelação evolutiva desde que divergimos de um ancestral comum há cerca de 6 milhões de anos. O desafio empírico é determinar o que foi herdado inalterado desse ancestral comum, o que foi submetido a pequenas modificações e o que (se alguma coisa) é qualitativamente novo. O desafio evolucionário adicional é determinar quais pressões seletivas levaram a mudanças adaptativas ao longo do tempo e compreender as várias restrições que canalizaram esse processo evolucionário. Responder a essas perguntas requer um esforço colaborativo entre linguistas, biólogos, psicólogos e antropólogos⁴.

Como podemos observar, o pensamento chomskyano se assenta num naturalismo evolucionista que aposta numa agenda de pesquisa partilhada entre linguistas, biólogos, psicólogos e antropólogos. Ainda sobre “a fábula evolucionária da linguagem”, é importante retomar as palavras de Chomsky (2016, p. 125, tradução nossa) quando afirma:

Sobre este tópico, o biólogo evolucionário Richard Lewontin tem argumentado vigorosamente que podemos aprender muito pouco, porque a evidência é inacessível, pelo menos em quaisquer termos compreendidos pela ciência contemporânea. Para a linguagem, há duas questões fundamentais a esse respeito: primeiro, a evolução da capacidade de construir uma gama infinita de expressões hierarquicamente estruturadas e interpretáveis pelos nossos sistemas cognitivos e sensorio-motores; e segundo, a evolução dos elementos atômicos, parecidos com palavras, que entram nesses cálculos. Em ambos os casos, as capacidades parecem ser específicas dos humanos, talvez até mesmo específicas da linguagem, além das leis naturais a que obedecem, que podem ter consequências de grande alcance, sugere um trabalho recente⁵.

Eis aqui uma significativa divergência entre os pensamentos de Humboldt e Chomsky e a noção de criatividade linguística: para o protagonismo da gramática gerativa do século XX, a língua, ou mesmo a recursividade associada à criatividade linguística, assume um caráter evolucionista que se desenvolve na espécie humana, e só nela de modo especial. Muito embora, assim como Chomsky, Humboldt assente no humano o caráter criativo e específico da linguagem, como desenvolveremos a seguir.

4 No original: “Researchers have adopted extreme or intermediate positions regarding these basically independent questions, leading to a wide variety of divergent viewpoints on the evolution of language in the current literature. There is, however, an emerging consensus that, although humans and animals share a diversity of important computational and perceptual resources, there has been substantial evolutionary remodeling since we diverged from a common ancestor some 6 million years ago. The empirical challenge is to determine what was inherited unchanged from this common ancestor, what has been subjected to minor modifications, and what (if anything) is qualitatively new. The additional evolutionary challenge is to determine what selection pressures led to adaptive changes over time and to understand the various constraints that channeled this evolutionary process. Answering these questions requires a collaborative effort among linguists, biologists, psychologists, and anthropologists”.

5 No original: “On this topic, evolutionary biologist Richard Lewontin has argued forcefully that we can learn very little, because evidence is inaccessible, at least in any terms understood by contemporary science. For language, there are two fundamental questions in this regard: first, the evolution of the capacity to construct an infinite range of hierarchically structured expressions interpretable by our cognitive and sensorimotor systems; and second, the evolution of the atomic elements, roughly word-like, that enter into these computations. In both cases, the capacities appear to be specific to humans, perhaps even specific to language, apart from the natural laws they obey, which may have rather far-reaching consequences, recent work suggests”.

2.

Passemos agora à questão de saber como Humboldt entende a linguagem. A seguinte citação nos leva ao centro de um conceito da linguagem por ele desenvolvido:

Porque a língua nasce do mais profundo da humanidade, e isso proíbe em todos os tempos e em todos os lugares tê-la realmente através do trabalho e da criação dos povos. Há uma atividade própria que nasce dela mesma, que é oferecida aos nossos olhos com todas as evidências, mas cuja essência não admite explicações, de modo que, vista deste lado, a língua não é um produto da atividade humana, mas uma emanção espontânea do espírito; não é obra das nações, mas um dom que lhes foi concedido pelo seu próprio destino interior. As nações se servem da língua sem saberem como a moldaram (HUMBOLDT, 1836, p. 45, tradução nossa, grifo nosso)⁶.

A citação ecoa outra vez a ideia fundamental conforme a qual linguagem e humanidade estão indissociavelmente ligadas – elas são as duas faces da mesma moeda, por assim dizer, nas palavras de Humboldt, “a linguagem nasce do mais profundo da humanidade”. Ao mesmo tempo, se anuncia já o *leitmotiv* humboldtiano da criatividade linguística: a linguagem não é essencialmente *produto*, mas bem *criação dos povos*. Além disso, trata-se de uma faculdade dada, ou seja, inata em certo sentido, e Humboldt refere-se mesmo a um “dom” e também de “emanção espontânea do espírito”. Esse último aspecto deixa transparecer outro *leitmotiv* fundamental do pensamento linguístico de Humboldt: não apenas a linguagem e a humanidade são inseparáveis, mas também a linguagem e o pensamento. Humboldt (1836, p. 91, tradução nossa) desenvolve essa ideia central no trecho que segue:

A linguagem é o órgão que forma a ideia. A atividade intelectual, inteiramente interna e que de certo modo passa sem deixar traço, torna-se externa na fala graças ao som e por ele é perceptível aos sentidos. É por isso que a atividade intelectual e a linguagem são uma e indivisíveis⁷.

Como sublinha Humboldt, a linguagem é “o órgão que forma a ideia” (em termos mais atuais, “os conceitos”). Atividade intelectual (e hoje nos referiríamos à atividade mental ou cognitiva) e linguagem são um e indivisíveis. Para pensar, a percepção dos sentidos só se torna disponível através de conceitos, mas a formação dos conceitos se baseia intrínseca e incontornavelmente na e pela linguagem. Em outras palavras: não há conceitos sem linguagem. Humboldt se opõe, portanto, a uma concepção “realista” da linguagem que interpreta o inventário de unidades linguísticas como simples sinais (escritos ou fonéticos) para objetos subitamente percebidos. O idealismo linguístico de Humboldt insiste no caráter constitutivo da linguagem, que está na base dos conceitos e da

6 No original: “Pues el lenguaje nace de lo mas profundo de la humanidad, y esto mismo prohibe en todo tiempo y lugar tenerlo realmente por obra y creación de los pueblos. Le es propia una actividad que nace de el mismo, que se ofrece a nuestros ojos con toda evidencia, pero cuya esencia no admite explicación, de modo que, visto desde este lado, el lenguaje no es producto de la actividad del hombre sino una emanación espontanea del espíritu; no es obra de las naciones sino un don que les ha sido otorgado por su propio destino interior. Ellas se sirven de el sin saber cómo han llegado a darle forma”.

7 No original: “El lenguaje es el órgano que forma la idea. La actividad intelectual, por entero interior y que en cierta manera pasa sin dejar huella, se vuelve exterior en el discurso gracias al sonido, y con ello perceptible a los sentidos. Por eso actividad intelectual y lenguaje son uno e indivisibles”.

construção da nossa realidade. Essas ideias básicas condensam-se sinteticamente na seguinte citação:

A atividade subjetiva forma um objeto em pensamento, pois nenhum tipo de representação pode ser concebido como mera contemplação receptiva de um objeto previamente existente. A atividade dos sentidos deve estar unida à ação interior do espírito em uma síntese, e dessa união se desprende a representação, que então se opõe à força subjetiva como objeto e retorna a ela sob essa nova percepção. Mas para isso é indispensável a linguagem (HUMBOLDT, 1836, p. 93, tradução nossa)⁸.

Nesse trecho fica claro o cerne do pensamento linguístico de Humboldt, quando ele enfatiza que *não existem representações objetivas do mundo extralingüístico, rejeitando, portanto, a ideia de uma “mera contemplação receptiva de um objeto previamente existente”*. É apenas através da linguagem que é possível criar, numa síntese, uma representação que se contraponha à atividade subjetiva enquanto objeto. Humboldt (1836, p. 94, tradução nossa, grifo nosso) reformula esse pensamento fundamental, a indispensabilidade e incontornabilidade da linguagem na atividade da formação de conceitos, salientando mais uma vez que:

[...] E sem esta conversão permanente em objetividade que retorna ao sujeito, silenciosa, mas sempre pressuposta onde quer que a linguagem entre em ação, não seria possível formar conceitos nem mesmo pensar realmente. Assim, mesmo sem a comunicação de homem para homem, falar é uma condição necessária para o pensamento do indivíduo em solidão isolada⁹.

A última frase já antecipa um pensamento que se tornaria fundamental no marco teórico do gerativismo chomskyano do século XX: sem negar o fato de que a linguagem seja importante para a comunicação entre os seres humanos, cabe sublinhar que sua função mais fundamental é permitir o pensamento e, se fosse necessário, o pensamento na solidão mais isolada. Nas recentes palavras de Chomsky (2016, p. 13-14, tradução nossa, grifo nosso), num trecho que traduz a linha que conduziu o empreendimento da gramática gerativa no século XX,

Se esta linha de raciocínio está geralmente correta, então há uma boa razão para voltar à concepção tradicional da linguagem como “um instrumento de pensamento”, e para rever a máxima de Aristóteles em conformidade; a linguagem não é som com significado, mas significado com som – mas, geralmente, com alguma forma de externalização, tipicamente com som, embora outras modalidades estejam facilmente disponíveis: o trabalho da geração passada sobre signo tem mostrado semelhanças notáveis com a linguagem falada na estrutura, aquisição e representação neural, embora o modo de externalização seja, naturalmente, bastante diferente¹⁰.

8 No original: “La actividad subjetiva forma en el pensamiento un objeto. Pues ninguna clase de representacion puede concebirse como mera contemplacion receptiva de un objeto que existe previamente. La actividad de los sentidos ha de unirse con la accion interna del espíritu en una síntesis, y de esta unión se desprende la representación, la cual se opone entonces a la fuerza subjetiva como objeto, y retorna a ella bajo esta nueva percepcion. Mas para esto es indispensable el lenguaje”.

9 No original: “[...] Y sin esta permanente conversión en objetividad que retorna al sujeto, llamada pero siempre presupuesta allí donde el lenguaje entra en accion, no sería posible formar conceptos ni por lo tanto pensar realmente. De manera que, aun al margen de la comunicación de hombre a hombre, el hablar es condicion necesaria del pensar del individuo en apartada soledad”.

10 No original: “If this line of reasoning is generally correct, then there is good reason to return to traditional conception of language as ‘an instrument of thought’, and to revise Aristotle’s dictum accordingly; language is not sound with meaning but

Com igual clareza, o pensador Steven Roger Fischer (2009, p. 41-42) pontua, na sua *Uma breve história da linguagem*, a relação indissociável entre faculdade de linguagem e pensamento, colocando-a numa perspectiva evolucionista:

Nesse processo evolucionário cada vez mais elaborado, a linguagem na forma de comunicação vocal não apenas como a base de toda a interação social, mas também como veículo de pensamentos sofisticados – pelo menos em termos comparativos – parece ter surgido naturalmente em uma única família, a dos homínidos.

A linguística gerativista aponta o *locus* dessa capacidade de raciocinar para a sintaxe, que foi a peça-chave na emergência da faculdade de linguagem humana e que se cristalizou num processo de centenas de milhares de anos. Fischer (2009, p. 65) resume esse pensamento:

A linguagem humana moderna nasce através da sintaxe, algo que se tornou tão absolutamente essencial à humanidade, mas que falta às “línguas” não humanas na natureza: regras que governem o modo como as palavras e os elementos de frases e sentenças são concatenados de modo a produzir sentido. Antes da sintaxe, não se pode falar de uma linguagem humana articulada. Após o final da elaboração da sintaxe, o ser humano falou, e raciocinou, como nós. Esse não foi um processo repentino. Ele evoluiu durante muitas centenas de milhares de anos, começando com o Homo erectus e culminando (e ainda evoluindo) com o Homo sapiens.

Ainda sobre esse aspecto, numa publicação em parceria sobre linguagem e evolução, Berwick e Chomsky (2016, p. 86, tradução nossa) afirmam:

A comunicação não é uma questão de produzir alguma entidade mente-externa que o ouvinte escolhe fora do mundo, como um físico poderia supor. Pelo contrário, a comunicação é um assunto mais ou menos importante, em que o falante produz eventos externos e os ouvintes procuram combiná-los da melhor forma possível com os seus próprios recursos internos. Palavras e conceitos parecem ser semelhantes a esse respeito, mesmo os mais simples deles. A comunicação assenta em poderes cognoscitivos partilhados e tem êxito na medida em que as construções mentais partilhadas, os antecedentes, as preocupações, os pressupostos etc., permitem alcançar (mais ou menos) perspectivas comuns. Essas propriedades dos itens lexicais parecem únicas à linguagem e ao pensamento humanos e devem ser contabilizadas no estudo de sua evolução¹¹.

Agora, bem, nesse contexto se inscreve também o conceito de *criatividade da linguagem*. Humboldt (1836, p. 80, tradução nossa) inicia a discussão desse grande *leitmotiv* com base num lance argumentativo negativo:

meaning with sound – more generally, with some form of externalization, typically sound though other modalities are readily available: work of the past generation on sign has shown remarkable similarities to spoken language in structure, acquisition, and neural representation, though of course the mode of externalization is quite different”.

11 No original: “Communication is not a matter of producing some mind-external entity that the hearer picks out of the world, the way a physicist could. Rather, communication is a more-or less affair, in which the speaker produces external events and hearers seek to match them as best they can to their own internal resources. Words and concepts appear to be similar in this regard, even the simplest of them. Communication relies on shared cognitive powers, and succeeds insofar as shared mental constructs, background, concerns, presuppositions, and so on, allow for common perspectives to be (more or less) attained. These properties of lexical items seem unique to human language and thought and have to be accounted in the study of their evolution”.

A linguagem, considerada em sua verdadeira essência, é algo efêmero sempre e em cada momento. Mesmo sua retenção na escrita não vai além de ser uma conservação incompleta, mumificada, necessária para que, ao ler, sua dicção viva volte a ser sensível. A linguagem em si não é um trabalho (ergonomia), mas uma atividade (energia)¹².

A linguagem ou determinada língua não se reduz ao conjunto dos enunciados já produzidos que, registrado em forma escrita, corresponde a uma conservação mumificada. A língua específica não é, portanto, “um trabalho, mas uma atividade”. É bem importante notar que Humboldt se serve, a esse respeito, de uma distinção conceitual elaborada pelo filósofo estagirita Aristóteles, que contrapõe os termos *ergon* e *energeia*, sendo que esse último corresponde à noção de criatividade.

Surge, então, a questão sobre o que Humboldt entende por “criatividade”. E, em particular, quais são os diferentes aspectos que o conceito humboldtiano de “criatividade” abrange? Um condensado do seu entendimento pode ser capturado na seguinte citação:

É por isso que a sua verdadeira definição só pode ser genética, pois ela é o trabalho sempre reiniciado do espírito para fazer o som articulado capaz de expressar a ideia. Tomado em sentido imediato e estrito, esta é a definição de cada ato de falar; o que acontece é que, num sentido verdadeiro e essencial, a linguagem não pode ser outra coisa que não seja a totalidade desse falar (HUMBOLDT, 1836, p. 81, tradução nossa)¹³.

A “*energeia*” é atividade criativa que consiste em aproveitar as possibilidades ou potencialidades de determinada língua para expressar todos os conteúdos possíveis. Se Humboldt enfatiza o fato de que a língua não pode ser outra coisa que “a totalidade desse falar”, ele se refere à totalidade dos atos de fala realizados no passado e no presente, mas também àqueles que são ou poderiam ser realizados no futuro (ou seja, o número infinito de atos potenciais). Eis aqui outro ponto de contato e de distanciamento entre o linguista prussiano do século XIX e o precursor de uma nova lingüística do século XX, a propriedade de recursão da linguagem humana.

Chomsky e, com ele, o gerativismo contemporâneo, identifica o princípio de recursão como propriedade central da Faculdade da Linguagem em seu aspecto criativo: gerar um número infinito de expressões com base em um recurso limitado de elementos: o que define a expressividade. Esse pensamento pode ser claramente identificado no trecho que segue, em que percebemos a tese central de *Cartesian Linguistics*:

Ao desenvolver a noção de “forma de linguagem” como um princípio gerativo, fixo e imutável, determinando o escopo e fornecendo os meios para o conjunto ilimitado de atos “criativos” individuais que constituem o uso normal da linguagem, Humboldt faz uma contribuição original e significativa para a teoria

12 No original: “*El lenguaje, considerado en su verdadera esencia, es algo efímero siempre y en cada momento. Incluso su retención en la escritura no pasa de ser una conservación incompleta, momificada, necesitada de que en la lectura vuelva a hacerse sensible su dicción viva. La lengua misma no es una obra (ergon) sino una actividad (energeia)*”.

13 No original: “*Por eso su verdadera definición no puede ser sino genética. Pues ella es el siempre reiniciado trabajo del espíritu de volver el sonido articulado capaz de expresar la idea. Tornado en un sentido inmediato y estricto, esto es la definición de cada acto de hablar; lo que ocurre es que en un sentido verdadero y esencial la lengua no puede ser otra cosa que la totalidad de este hablar*”.

lingüística – uma contribuição que infelizmente permaneceu não reconhecida e inexplorada até recentemente (CHOMSKY, 2002 [1966], p. 64, tradução nossa)¹⁴.

Nesse trecho, o próprio Chomsky reconhece a sua dívida para com o pensamento de Humboldt. Fica clara a inspiração chomskyana na ideia de recursividade do pensamento humboldtiano: original, significativa e infelizmente não reconhecida e ignorada até essa releitura que Chomsky apresenta de Humboldt. O próprio Chomsky reconhece no pensamento de Humboldt a noção de criatividade como peça central de uma proposta sobre a linguagem que se volta à língua como um sistema criativo.

Hauser, Chomsky e Fitch (2002) sublinham que a linguagem, resultado de uma evolução na espécie humana, está assentada na propriedade da recursividade. Esse princípio de recursividade como elemento central da criatividade inerente à linguagem é reformulado no Programa Minimalista (PM) em termos da operação “Merge”. Retornaremos ao desenvolvimento e à importância dessa operação da faculdade da linguagem humana adiante.

Humboldt, em suas formulações no cenário do século XIX, especifica com ainda mais detalhe o conceito de *energeia*, que o distancia do pensamento de Chomsky e da ciência linguística do século XX.

Mas da mesma forma que a matéria do pensamento e a imensidão das suas possíveis combinações são inesgotáveis. Assim, a linguagem não consiste apenas nos elementos já formados, mas, também, e muito principalmente, nos métodos de continuar o trabalho do espírito, para o qual a linguagem é o canal e a forma. É verdade que os elementos já formados constituem uma espécie de massa inerte, mas isso carrega em si o germe de uma determinabilidade sem fim (HUMBOLDT, 1836, p. 102, tradução nossa, grifo nosso)¹⁵.

Segundo Humboldt, a criatividade na língua não se limita à combinação de elementos nela disponíveis, mas abrange, especialmente e sobretudo, os *métodos*, ou seja, numa terminologia mais atual, os *princípios e mecanismos* que permitem criar novas estruturas e elementos linguísticos. Baseando-se no conceito de “procedimento” (do original *Verfahren*, em alemão), Humboldt elabora essa ideia fundamental na seguinte citação:

No entanto, o procedimento da linguagem não é tal que se limite a dar à luz um fenômeno isolado; deve também oferecer a possibilidade de produzir um número indeterminado de fenômenos da mesma espécie sob qualquer das condições que o pensamento lhe possa colocar. Pois a língua é encarada no sentido mais genuíno, com um domínio infinito e sem fronteiras, o conjunto de tudo o que se pode pensar. Isso a obriga a fazer uso infinito de meios finitos, o que é possível em virtude da identidade da força que gera as ideias e a linguagem (HUMBOLDT, 1836, p. 146, tradução nossa, grifo nosso)¹⁶.

14 No original: “In developing the notion of ‘form of language’ as a generative principle, fixed and unchanging, determining the scope and providing the means for the unbounded set of individual ‘creative’ acts that constitute normal language use, Humboldt makes an original and significant contribution to linguistic theory – a contribution that unfortunately remained unrecognized and unexploited until fairly recently”.

15 No original: “Pero del mismo modo que la materia del pensar y la inmensidad de sus posibles combinaciones son inagotables. De aquí que la lengua conste no solo de los elementos ya formados, sino también, y muy principalmente, de métodos de proseguir el trabajo del espíritu, al cual la lengua le sea la cauce y forma. Es cierto que los elementos ya formados constituyen una especie de masa inerte, pero esta porta en sí el germen de una determinabilidad sin fin”.

16 No original: “Ahora bien, el procedimiento de la lengua no es tal que se limite a dar nacimiento a un fenómeno aislado; tiene que ofrecer también la posibilidad de producir una cantidad indeterminable de fenómenos de la misma especie bajo cualquiera de

Parafraseando essa ideia-chave, podemos dizer que um determinado procedimento inerente à estrutura de uma determinada língua não se limita a permitir a geração de um fenômeno linguístico especial, mas deve permitir, antes, a criação de um número infinito de possibilidades expressivas, ou seja, de formas e estruturas do mesmo tipo. Humboldt – e esta é, no nosso entendimento, a sua contribuição mais original – vincula procedimentos criativos linguísticos à atividade intelectual ou cognitiva: *para estar em condições de expressar a totalidade ilimitada do que pode ser pensado (do cognoscível), a língua tem de disponibilizar um uso infinito a partir de meios finitos*. Esse requerimento pode ser cumprido graças à identidade da “força” que “gera as ideias e a linguagem”, como conclui Humboldt.

Essa noção de criatividade permeia também as ideias de Humboldt sobre aquisição de linguagem e, inclusive, sobre a questão delicada no que tange à origem da aquisição da linguagem humana. Não é preciso dizer que Humboldt ainda não possui uma teoria de aquisição de linguagem no sentido moderno, mas ele já apresentou algumas intuições muito importantes que deveriam nortear, ou mesmo determinar, uma teoria moderna da aquisição de linguagem no século posterior. O aspecto mais importante consiste no fato de que Humboldt recusa claramente a tese de *uma aprendizagem por imitação*. Essa tese se tornaria, no final da primeira metade do século XX, o cavalo de batalha dos behavioristas e seria o principal ponto de ataque do então jovem linguista Noam Chomsky (cf. CHOMSKY, 1967).

Humboldt já ressalta que a aquisição da língua materna deve ser concebida como desenvolvimento e crescimento da faculdade de linguagem, e não como armazenagem e imitação de palavras e estruturas já ouvidas pela criança. Humboldt (1836, p. 96, tradução nossa, grifo nosso) escreve:

*A aprendizagem de línguas pelas crianças não consiste em receber palavras, guardá-las na memória e repeti-las com os lábios, mas sim num crescimento da capacidade linguística com a idade e o exercício. O que se ouve faz mais do que comunicar: funciona como um incentivo para que a alma compreenda mais facilmente o que nunca ouviu antes*¹⁷.

Dirigimos, em particular, a atenção para a fórmula “crescimento da capacidade de linguagem” que já prefigura no pensamento humboldtiano ideias centrais do gerativismo. Especialmente interessante é a observação avançada na última frase do excerto: para Humboldt, não há dúvida de que *a criança está em condições de compreender frases que nunca ouviu antes*. Ele não resolve esse paradoxo – que para Chomsky será a evidência mais forte de uma gramática universal inata –, mas intui o pensador prussiano claramente que a linguagem é uma “capacidade” ou uma “faculdade” que se desenrola no contato com a língua materna sem necessidade de imitação.

Quanto ao nascimento da linguagem, Humboldt opõe-se às duas ideias mais populares do seu tempo (e não somente do seu tempo): a ideia da criação das

.....
las condiciones que el pensamiento pueda ponerle. Pues la lengua se enfrenta en el sentido mas genuino con un dominio infinito y sin fronteras, el conjunto de todo lo pensable. Eso le obliga a hacer un uso infinito de medios finitos, cosa que le es posible en virtud de la identidad de la fuerza que engendra las ideas y el lenguaje”.

17 No original: “El aprendizaje lingüístico de los niños no consiste en recibir palabras, depositarlas en la memoria y repetir las con los labios, sino que es un crecimiento de la capacidad de lenguaje con la edad y el ejercicio. Lo escuchado hace algo mas que comunicarse: actúa de acicate para que el alma comprenda con mas facilidad lo que nunca antes había oído”.

línguas a partir de um sistema de comunicação rudimentar, baseado num conjunto de palavras elementais, e a ideia popular conforme a qual a motivação desse processo reside na necessidade social de “assistência mútua”. Lemos novamente as palavras de Humboldt (1836, p. 100, tradução nossa, grifo nosso):

*Nem mesmo o início de uma língua deve ser imaginado limitado a um número tão precário de palavras como se costuma fazer, porque a sua origem não é procurada na vocação original de uma sociabilidade livre e humana, mas, antes, é geralmente atribuída à necessidade de ajuda mútua, colocando assim a humanidade num estado natural fictício: essas são duas das ideias mais equivocadas que se podem formar sobre a linguagem. O homem não é tão necessitado, e para ajuda mútua, sons inarticulados teriam sido suficientes*¹⁸.

Em sua obra *Sobre os estudos comparativos da língua*, do original *Über das vergleichende Sprachstudium*, Humboldt (1820, p. 34, tradução nossa) expressa esse pensamento com ainda mais determinação: “Não adianta conceder milênios para a invenção da linguagem. Não seria possível inventar a linguagem se o seu (proto)tipo não existisse já na razão/mente humana”¹⁹.

Trata-se de uma formulação que se aproxima bastante de uma concepção da linguística do século XX de cunho genético do “nascimento” da linguagem. E ainda mais: Humboldt (1836, p. 100, tradução nossa) introduz já uma perspectiva naturalista no debate sobre a origem da linguagem, especialmente quando assinala que “bem, como espécie zoológica, o homem é um ser que canta, mas que liga as ideias com seus tons”²⁰.

Humboldt (1820, p. 34, tradução nossa) inclusive reforça essa visão naturalista, comparando a linguagem humana com o instinto natural dos animais:

*Se tentamos comparar aquilo, do qual não existe, na verdade, nada comparável no domínio do concebível, com qualquer outra coisa, podemos recordar o instinto natural dos animais, e chamar a linguagem um instinto intelectual da razão*²¹.

Essa comparação cuidadosa já aponta para o que seriam fortes pressupostos naturalistas da linguística contemporânea, por exemplo, o termo *language instinct*, cunhado por Steven Pinker, mas também o embasamento genético que só pode explicar, na perspectiva de Chomsky, Fitch e Hauser, o “grande salto para a frente”, que supõe a emergência da “faculdade da linguagem em sentido estreito”, como podemos observar no texto a seguir.

Podemos agora perguntar até que ponto o sistema computacional é ótimo, satisfazendo condições naturais de computação eficiente, tais como busca mínima e sem retrocesso. Na medida em que isso possa ser estabelecido, seremos capazes

18 No original: “Ni siquiera los comienzos de una lengua se deberían imaginar limitados a un número tan precario de palabras como acostumbra a hacerse, debido a que no se busca su origen en la vocación originaria de una sociabilidad libre y humana, sino que se lo suele atribuir mas bien a la necesidad de mutuo socorro, situando así a la humanidad en un ficticio estado natural: Estas son dos de las ideas mas equivocadas que puedan formarse sobre el lenguaje. El hombre no esta tan necesitado, y para el mutuo socorro habrian bastado los sonidos inarticulados”.

19 No original: “Es hilft nicht, zur Erfindung der Sprache Jahrtausende einzuräumen. Die Sprache ließe sich nicht erfinden wenn nicht ihr Typus schon in dem menschlichen Verstande vorhanden wäre”.

20 No original: “Pues, como especie zoológica, el hombre es un ser que canta, pero que vincula ideas con sus tonos”.

21 No original: “Wenn sich daher dasjenige, wovon es eigentlich nichts Gleiches im ganzen Gebiete des Denkbaren gibt, mit etwas anderem vergleichen lässt, so kann man an den Naturinstinkt der Tiere erinnern, und die Sprache einen intellektuellen (Instinkt) der Vernunft nennen”.

de ir além da (extremamente difícil, e ainda distante) realização de encontrar os princípios da faculdade de linguagem, para uma compreensão de por que a faculdade segue esses princípios particulares e não outros. Compreenderíamos então por que é que as línguas de uma determinada classe são alcançáveis, ao passo que outras línguas imagináveis são impossíveis de aprender e alterar. Esse progresso não só abriria a porta a uma abordagem evolutiva da faculdade de linguagem muito simplificada e empiricamente mais tratável, como também poderia ser mais geralmente aplicável a domínios para além da língua numa vasta gama de espécies por acaso, especialmente no domínio da navegação espacial e da procura de alimentos, em que os problemas de procura otimizada são relevantes. Por exemplo, estudos elegantes de insetos, pássaros e outros revelam que os indivíduos frequentemente buscam alimento por meio de uma estratégia ideal, envolvendo distâncias mínimas, lembranças de locais procurados e tipos de objetos recuperados (HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002, p. 1578, tradução nossa, grifo nosso)²².

Também convém analisar mais de perto o conceito de forma linguística e estabelecer um vínculo com o conceito de criatividade. Na teoria de Humboldt, a noção de “forma de uma língua” pode ser abstraída de fenômenos ou fatos singulares e isolados, apontando para a ideia de sistema linguístico que se organiza em consonância com determinados princípios e estruturas internos.

Humboldt concebe tanto a forma externa (isto é, o conjunto dos sons de uma língua) como a forma interna (o conjunto de unidades significativas) *em termos de sistema*. Por conseguinte, os estruturalistas podem também encontrar um ponto de partida no pensamento linguístico de Wilhelm von Humboldt. Porém, Humboldt concebe o sistema linguístico de modo dinâmico, já que, como o filósofo alemão sublinha, esse sistema é perpassado por um método determinado de “criar uma língua”. Assim Humboldt (1836, p. 86, tradução nossa) resume:

Entretanto, terá ficado claro que, no conceito de forma de uma língua, nenhum fato singular deve ser introduzido como um fato isolado, mas apenas na medida em que permita a descoberta de um método de fazer com que a língua seja descoberta em si mesma. A exposição da forma deve tornar reconhecível a maneira específica que levou a língua, e com ela a nação, a expressar as ideias²³.

Relembramos a conexão que Humboldt (1836, p. 102, tradução nossa) estabelece entre criatividade e os métodos de “criar uma língua”, com parte do texto de Humboldt, já citado neste texto:

22 No original: “We may now ask to what extent the computational system is optimal, meeting natural conditions of efficient computation such as minimal search and no backtracking. To the extent that this can be established, we will be able to go beyond the (extremely difficult, and still distant) accomplishment of finding the principles of the faculty of language, to an understanding why the faculty follows these particular principles and not others. We would then understand why languages of a certain class are attainable, whereas other imaginable languages are impossible to learn and sustain. Such progress would not only open the door to a greatly simplified and empirically more tractable evolutionary approach to the faculty of language, but might also be more generally applicable to domains beyond language in a wide range of species—perhaps especially in the domain of spatial navigation and foraging, where problems of optimal search are relevant. For example, elegant studies of insects, birds, and primates reveal that individuals often search for food by an optimal strategy, one involving minimal distances, recall of locations searched, and kinds of objects retrieved”.

23 No original: “Entretanto habrá quedado claro que en el concepto de la forma de una lengua no se debe introducir ningún hecho singular como hecho aislado, sino solo en la medida en que permita descubrir en él un método de hacer lenguaje. La exposición de la forma debe volver reconocible la vía específica que tomó la lengua, y con ella la nación, para expresar las ideas”.

*Mas da mesma forma que a matéria do pensamento e a imensidão das suas possíveis combinações são inesgotáveis. Assim, a linguagem não consiste apenas nos elementos já formados, mas, também, e muito principalmente, nos métodos de continuar o trabalho do espírito, para o qual a linguagem é o canal e a forma*²⁴.

A título de exemplo, Humboldt cita os procedimentos de “incorporação” e de “flexão” como métodos para a geração de determinada língua. Esses procedimentos são avaliados de maneira diferente:

Comparado ao procedimento de incorporação, que acrescenta elementos sem um verdadeiro sentido da unidade da palavra, o método flexional se mostra como um princípio genial, nascido de uma verdadeira intuição da linguagem (HUMBOLDT, 1836, p. 223, tradução nossa)²⁵.

Interessantemente, Humboldt identifica também um princípio universal de criação de estrutura linguística – procedimento fundamental que ele chama “sínteses”. Vejamos a definição que lhe dá o pensador-linguista prussiano:

Como eu mesmo fiz neste caso particular, este ato em geral poderia ser chamado de ato de imposição espontânea por conjunção (síntese). Na linguagem, esse ato retorna uma e outra vez a cada instante. Onde é mais clara e evidentemente reconhecida é na construção das frases, depois nas palavras derivadas por flexão ou afixação, e finalmente em todos os casos de conexão do conceito com o som. Em cada um desses casos, algo novo é criado pela conjunção, que é colocado na verdade como algo que (idealmente) tem sua própria consistência (HUMBOLDT, 1836, p. 284, tradução nossa)²⁶.

Humboldt descreve sob o termo de “síntese” o princípio de *concatenação de constituintes* em níveis diferentes, nomeadamente: a concatenação de palavras na formação de frases, a conjunção de um radical com um afixo derivacional ou com um afixo flexional na formação de unidades lexicais complexas, e, finalmente, a união de um som (da forma) com um conteúdo (o conceito) na formação do signo linguístico.

A *síntese* representa, portanto, um princípio fundamental de criatividade linguística, já que, como formula Humboldt, cria-se algo novo, a saber: novas frases, novas palavras derivadas e novas unidades léxicas.

A propósito, note-se que o princípio de *concatenação de constituintes* foi reformulado recentemente por Chomsky como a operação “Merge”, que se define, no gerativismo, como o princípio básico de formação de estrutura linguística, e a operação mais central da recursividade e criatividade linguísticas (CHOMSKY, 1995, 2005). A Merge é concebida como uma operação que se aplica a dois objetos linguísticos α e β (que podem ser itens lexicais ou sintagmas já formados)

24 No original: “Pero del mismo modo que la materia del pensar y la inmensidad de sus posibles combinaciones son inagotables. De aquí que la lengua conste no solo de los elementos ya formados, sino también, y muy principalmente, de métodos de proseguir el trabajo del espíritu, al cual la lengua le señala cauce y forma”.

25 No original: “En comparación con el procedimiento incorporativo, que añade elementos sin un verdadero sentido de la unidad de la palabra, el método flexivo se muestra como un principio genial, nacido de una intuición verdadera del lenguaje”.

26 No original: “Tal como yo mismo he hecho en este caso concreto, se podría llamar a este acto en general acto de la imposición espontánea por conjunción (síntesis). En la lengua este acto retorna una y otra vez en todo instante. Donde con mas claridad y evidencia se lo reconoce es en la construcción de las frases, luego en las palabras derivadas por flexión o afijación, y finalmente en todos los casos de conexión del concepto con el sonido. En todos y cada uno de estos casos se crea por conjunción algo nuevo, lo cual es puesto en verdad como algo que (idealmente) tiene consistencia propia”.

e cria um novo objeto linguístico constituído por α e β e por uma etiqueta δ que identifica as propriedades relevantes do conjunto. Valendo-nos das palavras de Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 49, tradução nossa),

*Digamos que temos um léxico em que os átomos léxicos estão alojados e uma operação gramatical que reúne os itens léxicos, organizando-os em estruturas de frases que cumprem com a teoria X. Chamamos essa operação de Merge. [...] Vamos apenas presumir que Merge pega dois objetos sintáticos e forma um novo constituinte sintático a partir deles*²⁷.

Ou ainda das palavras de Chomsky, em parceria com Berwick:

[...] uma operação que toma os conceitos humanos como átomos computacionais e produz expressões estruturadas que, sistematicamente interpretadas pelo sistema conceitual, proporcionam uma linguagem rica de pensamento (BERWICK; CHOMSKY, 2016, p. 87, tradução nossa)²⁸.

Para resumir, retornando à ideia central: Humboldt desenvolve a noção de criatividade, reflexo do termo aristotélico de *Energeia*, cuja noção não abrange somente a ideia de uma criação infinita com base em meios, ou seja, regras, finitos, mas também e acima de tudo a geração de novas estruturas linguísticas tanto com base em procedimentos e mecanismos característicos de uma determinada língua como em princípios universais da linguagem, como o princípio de síntese. E, finalmente, o princípio da criatividade subjaz, em última instância, à faculdade humana de gerar as línguas e os pensamentos, que se revelam na teoria de Humboldt como as duas faces da mesma moeda.

REFLEXÃO FINAL

Buscando sistematizar as ideias apresentadas neste artigo e voltarmos à proposta inicial, podemos afirmar que a criatividade, em Chomsky e em sua linguística fundadora de uma nova corrente no século XX, está baseada num sistema *rule-based*; em Humboldt, e em seu pensamento revolucionário do século XIX, é uma noção mais complexa: *rule-based*, mas também *rule-creating* (geração de novas regras e estruturas) e *language-creating* (faculdade linguística enquanto dispositivo de criação de línguas).

Um ponto importante da argumentação de Chomsky é que esse domínio criativo da língua é uma característica específica da espécie humana. Para Chomsky, o uso da linguagem tem um caráter criativo que é tipicamente inovador sem limites e está apropriado às circunstâncias, mas não é causado por elas. Sem o reconhecimento do princípio da criatividade, a essência e o funcionamento que o homem faz da língua natural não podem ser suficientemente compreendidos. Muito claramente, o pensamento chomskyano põe em destaque o de Humboldt: a criatividade como aspecto primeiro da linguagem humana. Porém, a criatividade humboldtiana é mais abrangente e se manifesta nos três níveis do “lingüístico”: 1. a linguagem é “o órgão que forma a ideia”, e não é meio de representação

²⁷ No original: “Say that we have a lexicon where lexical atoms are housed and a grammatical operation that puts the lexical items together, organizing them into phrasal structures that comply with X-Theory. Call this operation Merge. [...] let’s just assume that Merge takes two syntactic objects and forms a new syntactic constituent out of them”.

²⁸ No original: “[...] an operation that takes human concepts as computational atoms and yields structured expressions that, systematically interpreted by the conceptual system, provide a rich language of thought”.

do mundo, mas ela está na base dos conceitos e da construção da nossa realidade; 2. as diferentes línguas são criações dos povos e a estrutura das línguas oferece procedimentos voltados a gerar um número infinito de formas e estruturas do mesmo tipo. Mas a língua disponibiliza, para mais além, métodos que permitem criar novas estruturas linguísticas tanto com base em procedimentos e mecanismos característicos de determinada língua como em consonância com o princípio universal de síntese; e, finalmente, 3. a criatividade tem lugar no falar, ou seja, no uso que os indivíduos falantes fazem da língua e das suas potencialidades.

Com as reflexões aqui apresentadas, podemos finalizar com a impressão de que, de um lado, na filosofia da linguística, resenhas e críticas com interpretações gerativistas exageram a proximidade, os pensamentos e as propostas de Humboldt e Chomsky; mas os não gerativistas, por outro lado, não levam a sério as semelhanças que existem e que são mais do que estruturais entre as contribuições desses dois grandes filósofos-linguistas que impõem às linguísticas dos séculos XIX e XX rotas particulares.

W. VON HUMBOLDT AND THE CENTRALITY OF THE CONCEPTS OF “CREATIVITY” AND “FORM” FOR THE LINGUISTIC SCIENCE OF THE 20TH CENTURY

Abstract: In order to avoid falling into the trap of a back projecting of Noam Chomsky’s thought in 20th century linguistics to Wilhelm von Humboldt’s ideas, in this article we start from a detailed analysis of the thought of the Prussian philosopher and highlight, in particular, his reflections on the notions of “creativity” and “form” that managed to draw Chomsky’s attention at an early stage. In particular, we note that the two thinkers agree in their rejection of theories (dominant in the history of linguistic thought) that conceive language primarily as a communicative system or an inventory of lexical units that represent our concepts or external world.

Keywords: Humboldt. Chomsky. Linguistic creativity. Form. Merge.

REFERÊNCIAS

- BERWICK, R. C.; CHOMSKY, N. *Why only us? Language end evolution*. Cambridge, MA: MIT Press, 2016.
- CHOMSKY, N. A review of B. F. Skinner’s *Verbal Behavior*. In: JAKOBOVITS, L. A.; MIRON, M. S. (ed.). *Readings in the psychology of language*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967. p. 142-143.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. *Cartesian Linguistics: a chapter in the history of rationalist thought*. Edited by James McGilvray. 2. ed. New Zealand: Cybereditions, 2002 [1966].
- CHOMSKY, N. Three factors in language design. *Linguistic Inquiry*, v. 36, p. 1-22, 2005.
- CHOMSKY, N. *What kind of creatures are we?* New York: Columbia University Press, 2016.

FISCHER, S. R. *Uma breve história da linguagem*. Tradução Flávia Coimbra. Barueri: Novo Século Editora, 2009.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, Washington, v. 298, p. 1569-1579, nov. 2002.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HUMBOLDT, W. V. *Über das Vergleichende Sprachstudium in verschiedenen Epochen der Sprachenentwicklung*. Berlin: Königlich-Preußische Akademie der Wissenschaften, Hist.-philol. Kl., Abhandl, 1821 [1820]. p. 239-260.

HUMBOLDT, W. V. *Über den Dualis*. Berlin: Königlich-Preußische Akademie der Wissenschaften, Hist.-philol. Kl., Abhandl, 1830 [1827]. p. 161-187.

HUMBOLDT, W. V. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, 1836. [Tradução utilizada: *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Trad. y pró-logo de Ana Agud. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.]

HUMBOLDT, W. V. *Über die Kawi-Sprache auf der Java*, v. 1-3, 1836-1939.

SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. 2. ed. Paris: Payot, 1922.